



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR
Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAUADO

SEMNARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

PREGUIÇA

O autor da «Moral universal» emite este parecer:

«O preguiçoso é um membro inútil na sociedade, e não tarda a tornar-se-lhe por costume tão perigoso quanto incomodo para si mesmo».

E conta depois como as leis de Solon permitiam denunciar todo o cidadão que não tivesse um officio ou ocupação certa, e como entre os jinozofistas se não dava de comer aos mancebos sem que primeiro eles dessem conta de tudo quanto haviam feito durante o dia.

Não oferece duvida nenhuma que a preguiça é o defeito maior das creaturas em jeral e nada compunje tanto como a contemplação da creança indolente. Os paes que teem filhos assim, haviam de, por todos os meios razoaveis, escéto os violentos, diligenciar fazer-lhes perder tal inclinação, visto que mais tarde esses filhos hão-de ser uns zeros, socialmente falando e, cumulativamente, uns infelizes em relação a si proprios.

A preguiça, diz o conselheiro Bastos, pode conduzir a tudo; ella faria mesmo apreciar a escravidão se esta não condenasse o homem aos trabalhos mais violentos.

Outro pensador afirmou:

«O preguiçoso e o dissipador nunca se tornaram grandes, fosse no que fosse; entre os que nunca perderam um momento do pre-

cioso tempo é que achamos esses grandes homens que teem dado impulso e movimento ao mundo pelo seu saber, pela sua ciencia, pelos seus inventos».

Modernamente, um pedagogista muito apreciado, M. Panchet, escreveu com o titulo de «Traitement de la paresse» um livro em que procura demonstrar que o vicio da preguiça é curavel nas creanças, e o atribui pelo comum aos paes, que tudo curam ao educar ou mandar educar os filhos menos da energia do carácter e do espirito de iniciativa.

Tambem nos parece, tanto mais que nunca nos sae do pensamento aquele conceito de Vitor Hugo em que se diz que os responsaveis pelas faltas das mulheres, dos pequenos, dos creados, etc., são os maridos, os grandes, os patões e assim sucessivamente.

Onde Tom.



LITERATURA

A rosa da mocidade

Defronte do balcão de Consuelo, a formosa rapariga d'olhos negros como a noite, e lábios rubros como a papoula—havia um canteiro, onde ao chegar a primavera, desabrochava uma flor de petalas d'oiro, iriante e perfumada, a flor mais bela do jardim.

Chamava-lhe Consuelo a flor da sua mocidade, e saudava-a alegremente quando o trilo das aves annunciava a estação de luz que veste o ceu d'azul, o campo d'esmeralda e o coração de paz serena e doce.

—Viva Deus!

Juntou-se rapasio; ás portas appareceram pescadeiras de grossa perna nua que saíram para a rua. Depois outros pescadores vieram inquirir do que havia:

—Que foi Cáchõna?

—O' ti Lórizá? a mançê que le fizeram?

Ouviram-se depois muitas vozes á uma:

—Mata-se esse roio!

—Quem? quem?

—O Beli.

—O Beli? isso é judeu legitimo!

—No bai á missa...

—Nem ó confesso...

—No acompanha Nosso Pai...

Interveio o delegado na ocasião em que já alguns dos amotinados se precipitavam para a porta do barbeiro. Mas vendo-se impotente esgueirou-se para o hotel e mandou chamar a policia da terra, que era feita pelos meirinhos da justiça e pelo zelador da camara. Mal o delegado dobrou á esquina, chegava um official de delegências—o Sacarda, que, num vozeirão de atirar tudo abaixo,

No primeiro mez da primavera completara Consuelo dezoito anos— a idade das ilusões radiantes.

A primeira amiga a felicita-la fóra a rosa da sua mocidade: lá estava, no canteiro, a sorrir, a palpar de vida, as petalas inundadas pelo clarão do sol fulvo, o calix perfumado ainda pelo beijo matinal da aurora...

Nesse dia fóra o seu coração de pomba preso pelo laço do amor, e como a juventude é ardente e precipitada, ganhara a afeição raizes fundas em poucas horas.

Amava! Ao crepusculo, Consuelo olhava do balcão a vastidão do espaço, interrogando o ceu, perguntando-lhe, por certo, se seria feliz nos seus amores.

Mefistofeles, que rondava perto, encarregou-se da resposta.

...De repente, o homem que prendera o coração de Consuelo, saltou o balcão e caiu-lhe aos pés, recitando numa voz apaixonada toda a emocionante confissão do amor.

Subjugada, dominada, vencida, escutou-o Consuelo até final, e se não absolven as culpas do penitente foi porque a sua alma tímida resvalava tambem para o abismo dos pecados cor de rosa...

Desceu a noite; o luar empalideceu, e as estrelas choravam lagrimas dolentes sobre o balcão de Consuelo...

Na manhã seguinte Consuelo debruçou-se no balcão, e espraçou a luz dos seus olhos fundos sobre o jardim fronteiro... Meu Deus! Que surpresa! A flor de petalas d'oiro tombára da haste!

Como? Porque?

Durante a noite soprara, do sul, um furioso vendaval, assolando campos e destrocando flores...

...E fóra vítima a rosa da sua mocidade...

Fra-Diavolo.

bradou, com uma mão no ar a impor silencio:

—Eh! eh lá! tudo daqui fóra!

Ninguém o ouviu, porque todos estavam entretidos a investivar o maçoneco do Beli, que, longe de se amedrontar, ahiava a navalha na pedra e sorria.

O Sacarda que era mau como o mau dinheiro, passou a mão pelos fartos bigodes á granadeiro e com os olhos a chispar, berrou outra vez:

—Eh! tudo daqui fóra! tudo retira, ó meus amigos!

Nesta altura chegava o resto da policia: o zelador, muito sereno cofiando a longa pera militar e o Chórinhas a manquejar, bota-que-bota...

De costas quentes, o Sacarda fez-se de fino.

—Ah sim! tudo preso! tudo...

Um moçalhão gigante, inda imberbe a quem ele amarrara um braço e paxou para fóra, assentou-lhe um murro formidavel no nariz. Logo outro, o Manel João, quiz

SONETOS

I

A arder, n'um pavor alto, sobre a serra,
Ghaga aberta no dorso da montanha,
A lua, cor de sangue, nasce e banha
De sangue o luto e a escuridão da terra...

Ha bruxedos no ar, e a sombra aterra...
E uma figueira morta— enorme aranka—
Contorce os braços, supplicante, estranha...
—Tudo signaes de fome, peste e guerra!

Caminho escuro, proprio para assaltos,
Todo elle orlado d'arvores e furnas...
Sinistramente, voam entre os altos

E velhos pinheiracs runorejantes
As aves agoirentas e noturnas...
Resemos... São talvez almas errantes...

II

Almas errantes... Para além da vida,
Que mysterio se esconde?— Na azinhaga
Anda o vento a rugir a antiga praga.
E a lua empalidece na subida...

Quarto minguinte: agora é uma adaga
Fina e recurva pelo ceu perdida...
Luzem vitraes ao longe n'uma ermida,
Muge a ribeira e oae de fraga em fraga...

Na velha ponte de sombrios arcos
O sonoro tropel da cavalgada
Põe um rumor altivo de combate...

As rãs emmudeceram pelos charcos.
Desmaiam as estrellas. Madrugada...
Tinge-se o oriente d'oiro e de escarlata...

CANDIDO GUERREIRO.

GRANDE SALDO DE GRAVATAS

BAZAR DO POVO Arnaldo Torres
Rua Infante D. Henrique, 45 a 55
BARCELOS

5.º

Mestre Belisário combatendo o ateismo

POR

Manuel Boaventura

Belisário sorria-se, piscava o olho ao dr. delegado. O velho Lórizá, com o barrete no ombro saiu fóra. Era uma bela figura de pescador. Alto, espadaúdo, umas barbas nevadas como as de S. Pedro, soltas ao vento, sempre a ondear—dir-se-ia um galileu, um daqueles bons homens das margens do Tiberiades que acompanharam Jesus.

O barrete foi mais duas vezes ao ar. Lórizá bufava; depois soltou uma enfiada de pragas:

—Róio d'aurma! Mõnes te comam cação! Maçoneco do inferno! Que no ha Deus!... Ah! seu roio: ha Deus ou no ha Deus?

O Cáchõna atirou tambem com a boina ao ar, puchou uma funaça ao cachimbo de barro, e bradou numa voz muito rouca:

aproveitar-se do momento e apalpou-lhe os lombos com um porrete de carvalho.

O Ró-ró que trazia a juro um caso velho, pagou ao Sacarda em moeda corrente, na ocasião, presentando-o com não sei quantos muros e pontapés!

O Belisário veio á porta muito senhor de si, com um riso superior a aflorar aos labios, e disse muito descarado:

—Então os meninos principiam por mim e acabam c'o pobre do Sacarda!

—Beli, roio!—Ha ou no ha Deus?

—Nunca o vi.

E ia retirar para dentro. Mas o Laréque, o Grilé e o Jaqueta, que eram agora os mais afumados e os dirigentes do motim, agarraram-no, pegaram nele em charola e encaminharam-se para a capelinha do Senhor dos Passos, ali em frente:

—Oh roio? vê-lo? Vê-lo roio? vê-lo...

O barbeiro enfiado, branco como cal, só dizia:

—Deixem-me, deixem-me.

(Continua.)

SONETO

Constantemente vejo o filho amado
Na minha escuridão, onde fulgura
A extática pupila da loucura,
Sinistra luz dum cérebro queimado.

Nas rugas do seu rosto macerado,
Transpira a cruciantíssima tortura
Que escurentou na pobre alma tam pura
Talento, aspirações... tudo apagado.

Meu triste filho, passas vagabundo
Por sobre um grande mar triste e profundo,
Sem bússola, sem norte e sem farol!

Nem goso nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remédio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

CAMILO CASTELO BRANCO.

Contra a vaidade

A pergunta: quantos foram os sete sábios da Grecia não é tão asnatica e descabida quanto á primeira vista pode parecer. É o cazo que, segundo afirma Luiz Figuiier, os antigos consideravam os sobreditos sábios como sendo em numero de dez, havendo tambem quem pretendesse que eles foram quinze.

O que não oferece duvida é que os mais celebres foram Solon, Thales, Bias, Chilon, Pittacus, Cleobulo, Anacharsis e Pe-



SOLON

riandro, e que, como se vê, Solon figura na cabeça do rol.

Pois com o ser tão grande, *Solon era modesto*, circumstancia muito para acentuar n'um tempo em que tanta jente nula se não digna sel-o...

É o cazo que tendo alguns mancebos da Jonia comprado antecipadamente o que uns pescadores iriam pescar, succedeu estes retirarem da agua uma trempe dourada que se supoz um produto das forjas de vulcano.

Essa trempe suscitou grandes disputas sobre a pessoa a quem havia de ser dada, e como o oraculo de Delfos dissera que a dessem ao mais sabio, unanimemente a entregaram a Thales que a remeteu a outro, este a um terceiro até que chegou ás mãos de Solon.

Solon recebeu-a, mas informado do que se vinha passando mandou-a ao proprio oraculo dizendo que não havia grandeza maior que a de Deus.

Falámos antes em modestia, «a primeira graça das pessoas»; conforme lhe chamou um pensa-

dor anonimo, e que levou outro a definil-a assim:

«A modestia é uma arvore copada que encobre debaixo das suas folhas saborozos frutos».

Grande pena é haver tanta jente persuadida que ela não vale nada, antes se torna prejudicial, pois só assim encontra esplicação a ezistencia de tanto vaidoso por esse mundo a irritar os nervos dos circunstantes.

Luiz Leitão.

PERGUNTA-SE!

Quando se iniciam aqueles trabalhos de calcetamento no Largo da Camara?

Não haverá uma vassoura para fazer desaparecer a grande enormidade de teias de aranha ali no nictorio do largo do teatro?

Havendo grande abundancia de agua, *como dizem*, porque razão, numa experiencia feita pelos nossos bombeiros na noite de 5.^a feira, algumas bocas de incendio não deitavam *pinga* d'agua?!...

Porque motivo se encontram as nossas estradas a macadam num verdadeiro estado intransitavel, com manifesto prejuizo para o nosso concelho?

Quando se põe em execução o regulamento das horas de trabalho nesta localidade?

Notas & Comentarios

FOTOGRAFIAS

Já de ha muito que conheciamos as preciosas qualidades artisticas de Augusto Soucasaux, nosso muito presado amigo e illustre patricio — tantas vezes reveladas nas diversissimas manifestações do seu pujante e admiravel talento; — mas, ha dias, quando tivemos o prazer de visitar o seu elegante *atelier* fotografico, instalado com todas as condições modernas, embora muito sobrio na simplicidade ornamentaria, num florido recanto do pequeno jardim que circunda com pitoresca graciosidade a casa da sua residencia, mais uma vez aquelas qualidades se nos impozeram e sobrelevaram.

Com efeito, nas fotografias de Augusto Soucasaux, onde existem verdadeiras creações, ha vida, plasticidade, desenvoltura, suavidade nas linhas e relêvo nos contornos — a Arte, em sintese, em tudo que possui de mais atraente e belo, predomina intensamente, rebrilha com fulgôr, eleva-se em toda a sua amplitude de superioridade.

Em todas ha um traço que as modernisa; em todas se notam contornos esteticos que as ain-

mam. Entre outras, são bem a prova do seu alto valor artistico, as dos srs. conselheiro Sá Carneiro, padre Augusto Cunha e dr. Augusto Matos.

As fotografias de paisagens são tambem muitissimo apreciaveis e por ele aproveitadas com correcção impecavel.

Vimos alguns exemplares que podiam honrar a exposição dos melhores artistas estrangeiros, e não dizemos propositadamente nacionais porque, os trabalhos, no genero, de Tinoco, em Coimbra, Biel, no Porto e Monteiro, em Lisboa, não são superiores, embora estes possuam elementos de maior valia com que possam mais facilmente valorisar-se.

As fotografias de Augusto Soucasaux, são bem a obra de uma alma de elite, dum eterno enamorado das magnificencias da Arte, e das quais deixamos aqui expressas as nossas mais agradaveis impressões, lastimando apenas que este nosso amigo, a quem muito vivamente felicitamos, tenha de lutar com as *consequencias* do meio onde, a nosso vêr, os seus meritos, que são de tão subido quilate, não podem ser recompensados com justiça, e a sua actividade artistica exercer-se e desenvolver-se, como deve, para florescimento e grandeza da Arte.

Gonçalo d'Araujo.

Musa do "Cavado,,

Hei-de fazer dos teus braços
A escada dos meus desejos
Para subir aos espaços
Em procura dos teus beijos.

Quem me dera o prazer doce
De uma cartinha das tuas:
Uma só, uma que fosse,
Se não pudessem ser duas.

Noticiario

Camilo Castelo Branco

Vinte e seis anos são passados sobre a morte do glorioso mestre, *O Maior de Todos*, na divina frase de Silva Pinto.

Na funesta tarde de 1 de Junho de 1890 teve o seu desfecho tragico a vida do maior escritor e romancista portuguez de todos os tempos.

Nem todos os mortos vão depressa, diz a balada.

Tristíssima irrisão!

Se muitos não esquecem o glorioso autor do *Amor de Perdição*, muitos outros ha para quem a sua memoria se abismou nas profundezas do Esquecimento!

Os povos nunca esquecem os *homens grandes*, disse um cintilante espirito: o dr. Bernardo Chousal.

«A memoria das gerações sempre recorda a sua vida que é ensinamento e pregoa os seus feitos que enchem de gloria.

Um marmore, um bronze, um sufragio, um préstito, uma sessão solene, uma enfiada de lagrimas ou uma braçada de saudades, são o rebate que acorda o passado, edifica o presente e ilumina o futuro».

Não esqueçam, pois, a memoria do grande romancista Camilo Castelo Branco.

Prove-se que ele não morreu de todo. Ele conquistou fartos direitos á gratidão da Patria.

Mostre, pois, a Patria que não é ingrata, prestando á sua memoria a consagração merecida.

Portugal não deve esquecer aquele que o honrou.

Se a sua morte foi uma perda, seja a sua memoria uma joia preciosa para a Patria, e guarde-se ela no escriptorio da mais funda gratidão.

Não pode deixar-se o nome de Camilo apenas gravado na esquina duma rua!

Levante-se-lhe um monumento numa das principais praças da capital; trasladem-se os seus restos mortais para o Pantéon dos Jeronimos; converta-se num museu a sua ultima residencia, esse piedoso refugio de S. Miguel de Seide, onde se escreveram paginas de riso e de dor.

Impõe-se, pois, esse tributo de homenagem á memoria do grande Mestre, pois indica ele um exemplo luminoso e empolgante e aponta uma imitação proveitosa e nobilissima.

Dr. Augusto Monteiro

Vindo de Lisboa, encontra-se entre nós, este nosso respeitavel patricio, illustre senador democratico.

Os nossos respeitosos cumprimentos a s. ex.^a.

Relogio de sino

Os leitores, certamente, recordam-se ainda e com saudades do David Vasconcelos, o *Davidinho* relojoeiro?

Fez falta.

Foi um benemerito que desapareceu!

Desde a sua morte que a gente *andava ás aranhas*, a respeito de horas.

O relógio do *Davidinho* era o relógio oficial da... vila.

Pois, leitores amigos, appareceu um segundo benemerito para a nossa terra.

O sr. Francisco Izidoro de Faria, num gesto de benemerencia, num verdadeiro rasgo de generosidade para os *municipes*, digo, para os barcelenses, acaba de fazer funcionar um relógio de sino no seu estabelecimento de relojoaria, ali na rua Direita!

Agora, sim: já temos relógio oficial... da Camara, digo, da vila.

Os nossos maiores agradecimentos ao benemerito sr. Faria.

Festival no Cavado

Mais uma vez ficou adiado o festival no nosso rio, não se realisando, portanto, como estava anunciado, no ultimo domingo.

Consta-nos que está marcado o dia de hoje para esse festejo, e, consequentemente, para a *batalha de flôres, festival na Cerca, concerto musical* no jardim, etc.

Grifamos aquêlê *consta-nos*, e esse grifo vai com *vista* a quem compête!

Na verdade extranhámos que as respectivas comissões destes festejos se não dignassem dar conhecimento do adiamento á imprensa local.

Costa & Vasconcelos

Digno de ser visitado o estabelecimento comercial destes nossos presados amigos, aonde o publico encontrará um completo sortido de tudo quanto há de maior novidade e fino gosto.

Afogados

O nosso rio, o nosso poetico Cávado, sempre a correr, sempre em baloiços, cheio de meiguices e doçuras, tem ás vezes tambem os seus desejos de besta, tem ás vezes tambem o seu quanto de traçoieiro e funésto!

Mixto de prazeres doces e desventuras tragicas o nosso Cávado!

Funésta a tarde linda de sol de quarta feira passada.

As lavadeiras, cabêlos d'ébano e olhos faiscantes, como carbunculos de fogo, cantavam suas cantigas alegres e nervosas, que tanto tradusem jubilo como significam desalentos...

Um pobre rapáz, cheio de vida, Augusto Dias, contra-méstre de corneteiros do nosso batalhão, natural de Lamêgo, muito querido dos seus camaradas e estimado pelos seus superiores, foi até ao rio, depois da ultima refeição, alugou um barco, desejoso de recrear-se um pouco.

O barco vogava mansamente nas aguas poeticas do Cávado, ali sob a ponte, e pouco a pouco vai aproximando-se do borbulhão de aguas junto do açude.

De repente impellido pelos cachões, tem um violento abalo contra uma das pesqueiras.

O pobre rapaz assusta se e grita por socorro.

Partem-se-lhe os remos. O barco, entregue a si proprio, flutua sem governo, envolvido na catadupa.

O perigo éra grande.

Nêste momento um rapaz do povo, um heroi obscuro, cheio de abnegação, Manoel Fernandes, o *Cabaça*, ex-corneteiro, desce rapidamente, por uma escada, da ponte ao corta-mar e dêste á pesqueira.

Daqui lança a escada para dentro do barco, segurando-a numa das extremidades.

Em todas as fisionomias há uma esperança de salvamento.

O pobre naufrago agarra-se, sofregamente, á escada e com dificuldade vai subindo os seus degraus.

Quando já estava prestes a ser salvo, proximo do taboleiro da pesqueira, a escada parte e o inditôso rapaz cai ao rio, no meio dos cachões.

Dolorôso transe.

Em todos os rostos se lê a mais amargurada dôr.

Na retina do naufrago desfia um cortejo espectral, vendo fugir-lhe toda a esperança em ser salvo.

Dois minutos passados acaba-se o martirio, consuma-se a tragedia: o pobre militar desaparece nas profundezas do rio, e é inscrito na lista já bem numerosa dos afogados no nosso poetico e traçoieiro Cávado.

A taça do recreio e d'alegria teve amargores de fêl.

Lôgo após o tragico acontecimento, e durante todo o résto da tarde, viam-se muitos barcos com pessôas que procuravam descobrir o ponto onde estivesse o cadaver do infeliz militar.

Baldados todos os esforços empregados para tal fim. Havia até quem alvitrasse que seria difficil encontra-lo, pela grande profundidade do rio no sitio onde se deu a fatalissima tragedia.

Na manhã seguinte, porém, -af por volta das 10 horas, depois de varias pesquisas com fiteixas e outros aparelhos, um rapáz, o João Fernandes Rainha, artista sapateiro, por meio de um mergulho, conseguiu descobrir o cadáver, não tendo sufficiente força para comsigo o arrastar ao cimo d'agua.

Francisco Durães, um valente e audacioso rapáz de Barcelinhos, bom mergulhadôr, conseguiu trazê-lo á superficie d'agua, sendo o desditôso môrto recolhido num dos muitos barcos que vogavam sobre o Cávado e trazido para o areal.

Passado algum tempo foi o cadáver conduzido para o edificio do hospital, tendo sido sepultado na ultima 6.ª feira.

Tambem na mesma quarta-feira se afogou, nas azenhas de Casal de Nil, uma creança do moleiro de S. Martinho de Vila Frescainha, snr. José Antonio Leite.

Antonio Augusto d'Oliveira

Na ultima terça feira retirou para Braga, onde vai tomar posse do lugar de 3.º official da inspecção de finanças, este nosso estimadissimo amigo, que nesta vida desempenhou zelosa e inteligentemente o lugar de aspirante de finanças.

Muito sinceramente lamentamos a auzencia de tão excelente amigo, não deixando, porém, de o felicitar-mos pela sua promoção.

O sr. Antonio Oliveira e sua ex.ª esposa tiveram na gare da estação uma affectuosa despedida, prova evidentissima das gerais simpatias que conquistou em Barcelos pelo seu fino trato e primorosa educação.

Dr. Lima Torres

Telegraficamente foi chamado a Lisboa, afim de fazer serviço extraordinario como alferes miliciano, num dos regimentos mobilizados, aquêle nosso presado amigo e distinto advogado na nossa comarca.

S. ex.ª partiu na ultima 5.ª feira, tendo na gare da estação uma affectuosa despedida.

Crúz Vermelha

Em reunião de 29 de maio ultimo, presidida pelo sr. dr. José Gomes de Matos Graça, ficou constituída a seguinte comissão organisadora d'esta prestantissima delegação em Barcelos.

Presidente — sr. dr. José Gomes de Matos Graça.

Secretario — sr. Artur Cardoso.

Tesoureiro — sr. Leopoldino Antonio d'Almeida Braga.

Vogais — srs. Manoel dos Anjos Lebreiro e Alberto de Vasconcelos Vizeu.

Já aqui dissemos no ultimo numero, e força é repetilo, que relevantes são os serviços prestados pela benemerita associação da *Crúz Vermelha*.

E portanto o seu funcionamento local é digno de todo o auxilio.

Desastre

O sr. Joaquim José d'Oliveira, habil farmaceutico de Viatodos, foi há dias vitima duma desastrosa queda, fraturando uma perna.

Com o nosso pesar o desejo sincero que se restabeleça em breve.

«Grupo Dramatico Mocidade Barcelense»

Do nosso amigo, sr. Artur Cardoso, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director d'«O Cavado».

Pergunta você no seu apreciado jornal se o «Grupo Dramatico Mocidade Barcelense», se pode considerar «Grupo Democratico Mocidade Barcelense» ou «Grupo Dramatico da Mocidade Catholica de Barcelos».

Eu lhe respondo: O «Grupo» é tão somente «Grupo Dramatico Mocidade Barcelense».

Sou dele humilissimo presidente. Nada tem de democratico, como nada tem de catolico.

Somente dramatico. Fica esclarecido o meu amigo, e o publico tambem.

Alheio a politica, o Grupo a que presido tem em vista, somente, com os seus espectaculos beneficiar as casas e instituições de caridade e de interesse manifesto para a nossa terra.

O espectáculo dado em favor da Cruz Vermelha, não foi da iniciativa do Circulo Catolico, como li num periodico local.

Foi tão somente promovido pelo Grupo. Pela publicação desta carta, lhe fica imensamente grato o seu amigo,

Artur Cardoso.

Movimento Judiciario

Audiencia de 30 de Maio.

Juiz Presidente — sr. dr. Silva Monteiro.

Delegado do Procurador da Republica — sr. dr. Moraes Campilho.

Distribuidor — sr. dr. Castro Faria.

Escrivão de serviço — 1.º officio sr. Cardoso.

Distribuição civil

Ação ordinaria, proposta por Manuel da Silva Gomes Moreira, de Barcelinhos, contra João Cristiano de Sousa e mulher, de Sequiade.

Ao 6.º officio, escrivão sr. Baltasar.

—Execução hipotecaria, em que é exequente José Custodio Cardoso, de S. Martinho de Vila Frescainha, contra Domingos de Barros e mulher, de Abade do Neiva.

Ao 5.º officio, escrivão sr. Rocha Diniz.

Execução nos termos do decreto de 29 de maio de 1907, movida por José Manuel Carlos, contra José Luiz da Silva, ambos de Igreja Nova.

Ao 2.º officio, escrivão sr. Silva

ACABAM DE CHEGAR

Perfumarias, leques e gravatas, ultima novidade

BAZAR DO POVO — BARCELOS

Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passam:

Amanhã: o do sr. Francisco Machado Carmona.

No dia 9: o da ex.ª sr.ª D. Ana Machado Pais Maciel.

No dia 11: o do sr. dr. Domingos Luciano d'Azevedo de Figueiredo.

Estiveram:

No Porto: as ex.ªs sr.ªs D. Zulmira Ferros e D. Palmira Lemos, e os srs. dr. José Julio Vieira Ramos, Julio Valongo, Joaquim Pais de Vilas Boas, José Ferreira de Lemos e Alberto Gomes.

Em Braga: os srs. dr. José Gomes de Matos Graça, Camilo Gonçalves Ramos, João Pacheco Leite e Antonio Pais de Faria.

Em Barcelos: os srs. Antonio d'Almeida Azevedo, Antonio Albino Marques d'Azevedo, Antonio Maria de Sousa Pinto, Fernando Moreira, Rogerio Ferra Esteves, Augusto Fernandes, Adelio Carvalho da Silva, Armando Leite, Eugenio Roriz d'Azevedo, Delfim Fernandes Vinagre, Domingos Pereira de Sousa, Jorge Fernandes, Carlos Sousa, Manuel Miranda, José Barreto de Faria e Avelino Roriz Pereira.

Regressou:

Do Porto: a ex.ª sr.ª D. Maria Isolete Ferra Esteves.

Doentes:

Tem estado o sr. Domingos Pereira Esteves.

Batisados:

Realisou-se no ultimo domingo, na igreja matriz desta vila, o de um filhinho do nosso presado amigo sr. dr. Manuel Batisa de Lima Torres, ilustre advogado, recebendo o nome de Manuel Julio, e sendo padrinhos os tios maternos do recém-nascido sr. Domingos Pereira de Sousa e ex.ª irnã D. Maria Pereira de Sousa.

—Tambem no mesmo dia e na igreja matriz desta vila, se batisou um filhinho do nosso amigo sr. Artur Cardoso, recebendo o nome de Carlile Jofre, sendo padrinhos a ex.ª sr.ª D. Ana Cardoso e o sr. Manuel Antonio Pereira, respectivamente avô paterna e tio materno do recém-nascido.

ANUNCIOS

Associação do Magisterio Primario oficial de Barcelos

Afim de se conhecer de assuntos inadiaveis e de interesse manifesto para a classe, convoco, por êste meio, o professorado dêste concelho, a reunir no dia 8 do corrente mês (5.ª feira), por 12 horas, na séde social, ao largo da Calçada, desta vila — 1.º andar da casa comercial Fotoiris.

Barcelos, 4 de junho de 1916.

O presidente da assembleia geral,

Luz Maria Ferreira Coe'ho
Professôr.

ACHOU-SE

Na rua Filipa Borges um trancelim d'oiro, que será entregue á pessoa que provar pertencer-lhe.

Nesta redacção se diz.

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Alburns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borra-cha. Cartelas, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café. Cacao, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

"Padaria Maria Antonia,"

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido-se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriidade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora. Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.

Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.

Flanelas, chitas, chales, cachonés, morins, panos crus, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.

Casimiras de cor, diagonais, picotilhos e cheviotes.

Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapaus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance
de popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

1.ª parte—O incendiario.

2.ª parte—O grande industrial.

3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriidade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, lavaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.